

Editorial

Na manhã de 7 de outubro de 2023, estávamos iniciando a atividade comemorativa dos 30 anos da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – SPPA quando recebi notícias sobre um recente ataque terrorista do Hamas a Israel.

Aquela informação parecia distante, quase irreal, e aparentemente ficou desconhecida por todos os participantes do evento ao longo do produtivo dia em que discutimos as publicações psicanalíticas. Ficava questionando-me sobre a dimensão desta notícia, em um ir e vir mental entre a atividade científica e o receio de mais uma guerra entre tantas (além da invasão russa na Ucrânia desde 2022, sérios conflitos armados seguem acontecendo na Síria, Mianmar, Nigéria, guerra civil no Iêmen, Somália, Sudão, entre Azerbaijão e Armênia...), mas, principalmente, independente de uma demarcação geopolítica, pensando em tantas vidas, mentes e futuros atravessados pelo trauma...

Ao chegar em casa à tardinha, assisti as tristes imagens veiculadas nos telejornais. Abri meus e-mails e vi que, na noite anterior, ou seja, horas antes do início deste terrível conflito armado, Ofra Eshel, que vive em Israel, submetera um artigo para nossa revista. Impactada, respondi:

“Querida Ofra, como você está? Muito obrigada pela sua pronta resposta ao nosso convite e pela submissão do artigo. Estamos acompanhando este momento terrível... Esperamos que você, sua família e comunidade estejam conseguindo lidar com tantos temores. Por favor, aceite nossa sincera solidariedade!”¹

Aguardei. Estava com o seu artigo e não sabia como a autora estava. Sentia-me portadora de sua produção, e todo projeto de publicação esfumava-se frente à dimensão atordoante e inimaginável do que se passava em Israel ou na Palestina neste momento. Antes, precisávamos tecer o diálogo editoria-autor que nossa Revista propõe, construindo juntas esta publicação; no entanto, agora, alguma notícia sobre como ela estaria passava a ser o que importava.

No dia seguinte, recebo com alívio o seu emocionado e agradecido e-mail.

“Muito obrigado por suas palavras reconfortantes. A situação de guerra aqui é triste, e o coração está pesado. Uma mudança catastrófica – eu lhe enviei o artigo na sexta-feira e, no sábado, logo pela manhã, a guerra começou...”²

Sinto nas palavras dela as incertezas e vivências catastróficas, assim como percebo uma psicanalista aguerrida, atrelada à vida, desejando que suas ideias

¹ Livre tradução.

² Livre tradução.

Ana Cristina Pandolfo

cheguem até nós. Seguimos nossa troca de e-mails e, apesar da complexa e assustadora situação na Palestina e em Israel, chegamos à publicação de seu artigo criativo, sensível, clínico e extremamente atual.

Ao iniciar o presente número com esse relato, busco trazer de forma vívida a atualidade, relevância e urgência das ideias de Bion, do acesso às “profundezas escuras mais traumáticas nas quais a catástrofe impensável e inexperenciada e o último grito podem vir a ser” (Ofra, 2024, p. 28). Destaco também a esperança nas perspectivas transformacionais, para que novas possibilidades emergjam e modifiquem contextos em que o desligado, a destrutividade e o traumático imobilizam e corroem.

Enquanto comissão editorial, sentimos a força do pensamento bioniano neste momento, pois, após recebermos uma quantidade expressiva de artigos profundos e relevantes, transformamos um número dedicado a Bion em dois números – um compilado atual de como hoje, em 2024, a Psicanálise segue desenvolvendo suas ideias.

O primeiro artigo, *A virada para a intuição: do saber e o sonhar ao ser in-tu-it*, de Ofra Eshel, de forma criativa e através de um olhar clínico, propõe como o analista pode entrar em contato intuitivo com realidades psíquicas impensáveis e desconhecidas. *In-tu-it* pressupõe estar em unicidade e viver a experiência emocional do e com o paciente de forma gradativa, transformando-a em viva e nova.

Em seguida a este, são apresentados cinco profundos trabalhos, cujas propostas portam expansões, evoluções e integrações teóricas atuais no estudo de Bion.

Marina F. R. Ribeiro, em *Transformações em K e em O: vértices oscilantes entre uma psicanálise epistemológica e ontológica*, propõe uma aproximação das ideias de Ogden e Bion. A autora identifica que uma psicanálise epistemológica e outra ontológica, em movimento contínuo e oscilante, estão presentes em *Transformações* (1965/2014), e mostra como, neste trabalho, Bion percorre, passando por mudanças catastróficas e cesura, o movimento do conhecer ao tornar-se. Gisèle de Mattos Brito, em seu artigo *A origem dos pensamentos: a mente primordial como berçário*, nos conduz às sombras, às áreas não conhecidas da experiência, aos primórdios da vida mental. A autora considera que, na mente primordial, os *elementos beta* estão presentes desde a origem em uma camada básica, sendo que os pensamentos surgiriam a partir de uma área compreendida como uma matriz pré-verbal, uma zona indiferenciada, o domínio de O, em que ocorrem transformações. Levy et al., em *O “Isso” e a dimensão estética da psicanálise: ampliações?*, dialoga com o conceito de Isso freudiano, trazendo as ideias de Bion, Winnicott, Meltzer, Civitarese e outros autores pós-bionianos em

que o intersubjetivo e a dimensão estética descentram o intrapsíquico, deslocando-o para o encontro com o objeto. Os autores discutem a influência no método psicanalítico deste modelo, cuja ênfase situa-se nas experiências emocionais compartilhadas. *Curiosidade e fazer “vista grossa”*: reflexões sobre a busca/fuga da verdade inspiradas em ideias de Bion é um artigo no qual Roosevelt Cassorla discute as vicissitudes da curiosidade associada à arrogância e à estupidez no campo psicanalítico. Ilustra com material clínico e mitologia os possíveis movimentos de fuga e afastamento das percepções da realidade, as transformações em alucinação e fanatismo e o impedimento do desenvolvimento da mente, quando esta permanece em simbiose, fortalecendo a crença na superioridade. Ney Couto Marinho, em *Bion e Wittgenstein: teoria das transformações – a construção do significado*, tece um diálogo entre a filosofia de Wittgenstein e a psicanálise. Jogos de linguagem, forma de vida, assim como sua crítica à noção tradicional de certeza, além da influência de Hume na obra de Bion, fazem deste trabalho uma valiosa integração teórica.

As ideias de Bion impactaram de forma importante a teoria e a clínica psicanalíticas, sendo consideradas uma nova dimensão metapsicológica, a epistemológica. A seguir, apresentamos quatro trabalhos em que os autores relatam tal influência em sua clínica, em especial na forma com que compreendem a si e a seus pacientes.

Em *O impacto de Bion no pensar a psicanálise: um depoimento pessoal*, Viviane Sprinz Mondrzak, ao relatar a evolução de sua forma de trabalhar, mostra a influência das ideias de Bion não só para si própria, mas também para o desenvolvimento da técnica psicanalítica, dos analistas e das instituições. Raul Hartke, em *Concebendo-me como psicanalista: um processo em permanente transformação*, aos poucos revela, através da discussão de uma vinheta clínica, a forma como pensa e trabalha psicanaliticamente: um trabalho realizado em conjunto, sustentado pela introjeção do par analítico como objeto combinado inspiracional em um ambiente facilitador, capaz de propiciar que as emoções sejam percebidas, sentidas e sonhadas. *Experiência Emocional, Vínculos e Transformações – Conjecturas (Im)possíveis na Sala de Análise*, realizado por Anie Stürmer, revisa a teoria do pensamento, conhecimento e transformações e, através de vinhetas clínicas, discute a relevância das ideias bionianas na compreensão de pacientes com distúrbio de pensamento. Pensamentos antecedendo o pensar, o desenvolvimento mental e o enriquecimento da experiência existencial são ideias que Celso Antonio Vieira de Camargo resgata como preocupações de Bion, e não apenas recursos para a sobrevivência. Em *Um tsunami passou por aqui – você viu?*, o autor enfatiza que este enriquecimento propicia melhores condições de enfrentamento dos obstáculos mais complexos de nossa existência.

Ana Cristina Pandolfo

A sessão *Temas diversos* revela a riqueza diversa do pensamento psicanalítico atual. Os três artigos têm em comum a busca por transformar psicanaliticamente contextos de perda, dor e precariedade. *Psicanálise e precariedade: a existência dos sujeitos através da clínica*, de Inácio Antonio Silva de Mariz, discute as formas de violência e os discursos que geram e perpetuam um contexto de sujeição social. Propõe que o papel e o lugar da psicanálise junto a estes sujeitos em condição de precariedade consiste em transformar a precariedade em experiências com sentido e vida, fazendo com que tais sujeitos emerjam e possam passar a existir. Em *Experiências iniciais: pilares para a estruturação da personalidade*, Bornholdt et al. tece contextos que envolvem luto, desenvolvimento emocional primitivo, perdas e arte (literatura), propondo a importância da criatividade e do brincar como tentativas de dar sentido a contextos difíceis. *De olhos bem fechados: da perversão relacional à possibilidade de sonhar o sonho do outro* é o artigo de um grupo italiano (Cassulo et al.) que aborda a perversão como impossibilidade de sonhar o sonho do outro. Ao ilustrar o contexto de imposição do próprio sonho ao outro, através do filme *De Olhos Bem Fechados*, resgata os aspectos da primitiva e corporal relação primária mãe-bebê, em que o terceiro é um pai físico ou mentalmente morto.

Iniciamos este editorial abordando a guerra; vivemos em um mundo em guerra. O que elas revelam do humano? Como a Psicanálise dialoga com estas realidades e qual o seu papel?

Em nossa segunda edição da seção *Psicanálise em diálogo*, coordenada pela editora associada Elena Tomasel, apresentamos o artigo *Por que, ainda, a guerra?*, de autoria de Cláudio Eizirik. Elena salienta que, ao dialogar com a filosofia, sociologia e política, Eizirik nos confronta com a realidade bélica que estamos presenciando. O autor refere a agudeza e sensibilidade de nosso trabalho analítico quando compartilhamos mundos superpostos nas sessões de análise. Destaca que “a guerra põe a nu o homem primevo que existe dentro de cada uma ou um de nós” (Eizirik, 2024, p. 256). Ao final do artigo, o autor descreve algumas iniciativas exemplares de combate à aguda polarização tóxica que estamos vivendo, encerrando o texto com as palavras de nosso ilustre poeta Carlos Drumond de Andrade.

Vivências terríficas, catastróficas, trauma, fuga da realidade, mentira, fanatismo, intolerância... encontro estético, transformação, intuição, unicidade, reflexão, esforços colaborativos... viver a experiência emocional!

Desejo a todos uma ótima leitura!

Ana Cristina Pandolfo

Editora-Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*